

Sociólogo prevê «reação radical» com mais austeridade

José Manuel Mendes defende que povo português «não é de brandos costumes»

Por: tvi24 | 30-5-2012 20:23

O sociólogo José Manuel Mendes defendeu esta quarta-feira que o povo português «não é de brandos costumes», e que o acentuar das medidas da austeridade poderá desencadear «uma reação radical» quando concluir que os sacrifícios foram em vão, noticia a Lusa.

Esta ideia esteve também presente nos discursos do advogado e antigo dirigente do PCP Carlos Fraião, e da cineasta e ativista Raquel Freire, durante um seminário em Coimbra intitulado «Que força é essa?! Manifestações de protesto, democracia e mudança», organizado pelo Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

«Não tenho muitas dúvidas que caminhamos para lá. O caldo de cultura está aí todo, à semelhança do que aconteceu noutros períodos», sustentou Carlos Fraião, opinião que contou também com a anuência da realizadora.

Raquel Freire chegou a desafiar José Manuel Mendes, um estudioso dos movimentos sociais de protesto, a fazer um vaticínio sobre o despoletar de uma «reação violenta», à qual respondeu que o contexto existe, a questão é de saber o que vai desencadear esse «clic».

Mas admitiu que «virá no dia em que as pessoas deixarem de depositar dinheiro nos bancos», pois, neste momento, já perderam a confiança no Estado, retirando as poupanças dos títulos de aforro.

Na sua perspetiva, «as pessoas ainda têm a confiança nos bancos portugueses», ao transferirem para eles as suas poupanças, situação que não se verifica na Irlanda ou na Grécia.

«Quando as pessoas se aperceberem de que não há alternativa, há um capital de protesto que vem de anos anteriores. Em Portugal protesta-se muito de âmbito local. O protesto nacional com estes temas não tem sido habitual», sustentou o sociólogo.

Recordou que um dos últimos protestos de dimensão nacional aconteceu no tempo em Cavaco Silva era primeiro-ministro, o da Ponte 25 de Abril, de dimensão local mas com projeção nacional por efeito mediático. Outro, anos mais tarde, foi a mobilização a favor da paz em Timor.

«É preciso algo, a nível dos valores, que as pessoas sintam que está alinhado com os seus interesses quotidianos e os leva à mobilização», frisou, realçando que em Portugal há ainda um fenómeno que atenua um pouco o impacto da crise, a «sociedade providência», que são as remessas de emigrantes, a migração temporária ou a economia paralela.

«Quando isso acontecer - sublinhou - o capital de protesto e as lógicas de mobilização estão no terreno, porque as pessoas sabem protestar e tem essa prática», a nível local, seja por fecho de maternidades, de urgências hospitalares, ou de uma escola.

Para José Manuel Mendes, a manifestação da Geração à Rasca, da qual surgiu o Movimento 12 de Março, «trouxe algo de novo, mudou a gramática. As pessoas obrigaram-se a interrogar as categorias da opressão, e da indignação».

A cineasta Raquel Freire, uma das dinamizadoras do Movimento 12 de Março, e que nos anos 90 participou em Coimbra nos movimentos estudantis, salientou que a precariedade, uma das razões daquela mobilização, representou a falta de democracia, a falta de perspetivas, e a necessidade de procurar alternativas.

«Neste momento é usada a desculpa da crise, e a democracia é atacada pelo económico. Esta situação ultrapassou o pior dos pesadelos. Se há uma coisa que as pessoas concluíram é que não podem contar com o Governo», concluiu a ativista, também ligada ao movimento de auditoria cidadã à dívida pública.

No seminário promovido pelo Centro de Estudos Sociais da UC participou ainda Alexandre de Sousa Carvalho, um dos organizadores do protesto «Geração à Rasca», e foi lida uma mensagem do repórter fotográfico da Lusa José Sena Goulão, agredido por forças policiais durante uma manifestação.

<http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/crise-sociologo--tvi24-jose-manuel-mendes/1352025-4071.html>